

Madalena Meyer Resende: “Para o regime de Putin este é um momento perigoso”

A investigadora do Instituto Português de Relações Internacionais acredita que será difícil contrapor a actual estratégia russa no Donbass e antecipa uma guerra que pode durar “muitos meses”.

João Ruela Ribeiro | *Público* | 2 de Junho de 2022

Depois de ser obrigada a desistir dos objectivos mais ambiciosos fixados no início da invasão, cem dias depois de a ter lançado, a Rússia parece ter encontrado a estratégia acertada para ir controlando território no Donbass. No entanto, observa a investigadora do Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI), Madalena Meyer Resende, será crucial que o Ocidente “continue a manter a pressão através do seu compromisso com a Ucrânia”. A mudança de estratégia na Ucrânia tem por detrás “uma perda de poder de Putin e da sua *entourage* face ao Exército”.

Perante o aparente progresso russo no Donbass, a ideia de que a Ucrânia pode vencer militarmente esta guerra acabou por revelar-se exageradamente optimista? É melhor começar por lembrar o que já ficou para trás em termos de objectivos russos. A Rússia já perdeu a guerra que tinha lançado inicialmente, que tinha como principal objectivo tomar Kiev e substituir o Governo. Em segundo lugar, o objectivo de dividir a Ucrânia ao longo do rio Dnieper também já não é algo que seja declarado pela Rússia. E mesmo a conquista de Odessa e do Sul é um objectivo que está ultrapassado. Esta expansão territorial no Donbass nunca foi declarada pelos ocidentais como algo que não fosse possível. É verdade que uma derrota militar da Rússia neste objectivo bastante restrito é menos provável do que foi a derrota que já sofreu nos outros objectivos. É possível que a Rússia continue a ter o desempenho das últimas semanas. Não vai ser fácil fazer face a esta estratégia, que é muito conservadora e, portanto, é passível de continuar durante muitos meses.

O Exército ucraniano pode fazer algo mais do que atrasar o progresso russo nesta região?

Depende muito do apoio ocidental, das armas que os ucranianos têm pedido para impedir os avanços russos. Eles estão a conseguir avanços, mas com custos muito pesados em termos de baixas. Não me parece que seja impossível conter o avanço russo. Agora parece ser uma questão do nível de apoio e a extensão temporal desse apoio ocidental à Ucrânia.

Se numa primeira fase, a Ucrânia conseguiu forçar a Rússia a desistir dos objectivos mais ambiciosos, agora terá de conviver com perdas importantes. Como é que isso pode ser processado, não apenas pelas autoridades ucranianas, mas também pela sociedade como um todo?

Chegámos a um ponto em que se houvesse vontade haveria possibilidade de nos próximos meses haver negociações. Mas esta vontade de lutar dos ucranianos e a pouca apetência para a negociação – não só do Governo, mas, mais crucialmente, de toda a população, que não está de todo virada para um apaziguamento, muito menos para uma negociação em que haja uma perda de território – torna possível que esta guerra se prolongue por muitos mais meses e que nunca se chegue a assinar um documento formal sobre o estatuto da Ucrânia. Esta ideia de haver um Minsk 3 é pouco provável que venha a acontecer.

Quais são os principais desafios para o Exército russo neste momento?

A Rússia, e em particular Vladimir Putin e o seu Governo, já sofreu derrotas importantes que implicam uma perda de poder de Putin e da sua *entourage* face ao Exército. O Exército substituiu Putin na condução da estratégia da guerra e impôs objectivos mais limitados, adoptando uma estratégia mais conservadora. Para o regime de Putin este é um momento perigoso no sentido de que o regime está desacreditado pelo menos por uma parte importante do Exército e, eventualmente, por outras partes das elites que vejam essa derrota como um sinal de incompetência. A estabilidade interna do regime poderá eventualmente estar em causa. A nível internacional, esta unidade ocidental e as mudanças extremamente rápidas que tiveram lugar na Europa, e a inversão do apoio de vários países da Europa Central e Oriental que tinham partidos e regimes pró-Putin, é um revés. Tem uma Europa praticamente unida contra si, excepto Viktor Orbán, que está extremamente isolado como se viu no último Conselho Europeu. Parte importante da política externa de Putin, que tinha conseguido de facto atrair parte dos países europeus e manter uma relação estreita com a Alemanha, está posta em causa. Obviamente que isso é também um factor de enfraquecimento. Por outro lado, todas as suas acções que até agora tinham sido mantidas numa certa discrição estão cada vez mais sob escrutínio. A agressividade da Rússia, tal como a da China, está a nu e isso torna difícil aumentar a sua influência internacional.

Essa aproximação acelerada da Rússia com a China pode também ser um factor de preocupação dada a desigualdade no estatuto entre ambas?

Putin fez uma escolha que agora se torna mais clara, que é esta aliança com a China. Havia sempre essa análise de que a aliança com a China é problemática por haver muitos pontos em que há rivalidades e por a Rússia não querer ficar inteiramente nas mãos da China. Seja pela força das circunstâncias, seja porque Putin tenha decidido que não havia outra fórmula para o aumento da influência da Rússia, esta aliança reforçou-se, apesar de também ser complicada para os chineses. Estas derrotas que o regime de Putin foi tendo na Ucrânia podem significar que, se os EUA tiverem uma estratégia bem conseguida, a Rússia e a China reconheçam que a sua relação de forças com os EUA é pior do que o que calcularam e acabem por mudar de estratégia. Isso seria o resultado positivo para o Ocidente desta guerra. Vemos exactamente que a presidência Biden está a reforçar muitíssimo e a acelerar a sua presença no Indo-Pacífico como forma de contrapor a Xi Jinping e à sua atitude agressiva. Temos um acelerar, um turbo, de todas

estas mudanças que eram óbvias no que respeita à sua direcção, mas que foram aceleradas por esta guerra.

Há razões para acreditar que as operações militares russas na Ucrânia vão parar no Donbass?

Os militares russos estão muito mais cautelosos do que Putin foi no início da guerra. O risco que foi assumido pelo regime foi altíssimo e depois destas derrotas, tendo mudado quem está na frente, penso que estarão mais avessos ao risco. De qualquer maneira, se estas vitórias se tornarem mais fáceis, e se o Ocidente não continuar a apoiar a Ucrânia, a tentação irá ser alta. É muito importante que o Ocidente continue a manter a pressão através do seu compromisso com a Ucrânia para conter a Rússia o mais perto possível da sua fronteira. Ninguém vai experimentar para ver até onde é que eles podem ir. A esperança maior de Putin para conseguir a vitória é que o Ocidente se canse e há campanhas bem orquestradas por parte da diplomacia russa para dissuadir os ocidentais de manter esse apoio, nomeadamente as ameaças de uso de armas nucleares.

A unidade entre os países do Ocidente no apoio à Ucrânia parece estar a soçobrar com os obstáculos apresentados pela Hungria em aprovar o embargo petrolífero e com a oposição da Turquia às entradas da Suécia e da Finlândia na NATO. A tendência será de aprofundamento destas brechas e aparecimento de outras no futuro? Obviamente que esta unidade não é perfeita e que a possibilidade de estas fissuras e de outras grandes que apareçam é grande. Mas o que parece essencial é que no país mais renitente, o mais importante e o que tem custos maiores com esta mudança energética, que é a Alemanha, as mudanças estão a acontecer. Às vezes com uma certa lentidão, mas tanto os liberais como os verdes, como o próprio chanceler, estão numa linha justa com uma estratégia apropriada, cada vez mais alinhados com os EUA. A dificuldade maior que existia no campo ocidental, que se prende com o facto de a Alemanha receber 55% da sua energia da Rússia, está a evoluir na direcção certa.

Ao fim de cem dias, é possível notar algum tipo de fadiga da guerra por parte da opinião pública e dos decisores ocidentais?

Esse perigo existe e não vai desaparecer. Ao mesmo tempo, noto que a dinâmica está lançada. Haverá momentos em que os ocidentais, nomeadamente os EUA, vão definir de maneira mais afinada quais são os seus objectivos na guerra, e essa definição vai determinar qual é que vai ser o limite do seu apoio, em termos militares e também económicos, à Ucrânia. Sendo que a opinião pública está bastante mobilizada por enquanto e as instituições internacionais também estão muito mobilizadas – basta ver o papel das instituições em Bruxelas e a NATO – creio que é mais perigosa uma eventual mudança de poder nos EUA, com o regresso de Donald Trump à presidência, do que propriamente uma desistência do lado ocidental. Há esta grande convicção de que o futuro do Ocidente está a jogar-se em larga medida na Ucrânia.

Que condições devem estar reunidas para que haja um regresso efectivo à mesa de negociações?

Teria que haver do lado ucraniano uma disponibilidade para reconhecer, pelo menos *de*

facto, as perdas territoriais. E não estou a ver que haja essa disponibilidade por enquanto, e nem sei quando é que haverá. Ou um recuo, que me parece muito pouco provável, da Rússia para as posições anteriores. Sem isto será difícil reiniciar quaisquer negociações.

<https://www.publico.pt/2022/06/02/mundo/noticia/madalena-meyer-resende-regime-putin-momento-perigoso-2008666>